



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**OCORRÊNCIA DE SUJEITO PLENO EM SENTENÇAS
CONSTRUÍDAS COM VERBOS CLIMÁTICOS**

Daniela Mendes de Souza Moreira

Rio de Janeiro
2016
DANIELA MENDES DE SOUZA MOREIRA

OCORRÊNCIA DE SUJEITO PLENO EM SENTENÇAS
CONSTRUÍDAS COM VERBOS CLIMÁTICOS

Monografia submetida à
Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na
habilitação Português-
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Soares da Silva

RIO DE JANEIRO
2016

Moreira, Daniela Mendes de Souza
Ocorrência de sujeito pleno em sentenças
construídas com verbos climáticos/Daniela
Mendes de Souza Moreira. – 2016

32 f.

Orientador: Humberto Soares da Silva
Monografia (graduação em Letras
habilitação Português-Literaturas) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro
de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 30-31.

1. Verbos meteorológicos. 2. Posição do
sujeito. I. Moreira/Daniela Mendes de Souza. II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter-me dado força, paciência e saúde para superar as adversidades e os maus momentos.

Ao corpo docente desta Universidade que de modo bastante significativo contribuíram na minha formação, nesse sentido, não posso deixar de lembrar o meu querido professor de História da Língua Portuguesa: Leonardo Lennertz Marcotulio.

Ao meu orientador Humberto Soares da Silva, que, em meio a tantas atribuições, não deixou de me dar suporte, incentivo e por ter me proporcionado grandes descobertas.

A minha mãe pelo incentivo durante toda minha vida.

A minha sogra por ter ficado com meus filhos para que eu pudesse concretizar esse sonho.

A minha futura ex diretora por ter entendido as minhas faltas.

Ao meu marido e filhos, que tiveram paciência e suportaram a minha ausência e, também, mau humor em dias de feitura de trabalhos e atividades acadêmicas.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente na minha formação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	6
1.1 O quadro teórico de Princípios e Parâmetros	7
1.2 A Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista	9
1.3 Sobre a utilização conjunta das duas correntes teóricas	10

2. UMA LEITURA DE ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE O FENÔMENO	10
2.1 A representação do sujeito	11
2.2 Mudanças na representação do sujeito no português brasileiro	15
2.3 A construção de tópico sujeito no português brasileiro	18
2.4 O preenchimento da posição de sujeito em sentenças existenciais	20
2.5 O uso de locativos na posição de sujeito: movimento de um PP ou um DP?	22
2.6 O preenchimento da posição de sujeito em sentenças com verbos climáticos	23
3. ANÁLISE QUALITATIVA PRELIMINAR	26
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	30

Diversos estudos sobre o português brasileiro (PB), seguindo diferentes perspectivas teóricas, têm atestado a variação entre sujeitos referenciais nulos e plenos, bem como a crescente tendência ao preenchimento da posição (DUARTE, 1993, 1995, 2003; CYRINO, DUARTE e KATO, 2000; KATO e DUARTE, 2003, entre outros). Geralmente, a função de sujeito é exercida pelo argumento externo do predador verbal – o que é a realidade de esmagadora maioria dos dados dos estudos citados. Neste trabalho, investigo as estratégias utilizadas para preencher a posição de sujeito em estruturas construídas a partir de verbos climáticos, que não selecionam argumento externo.

Desse modo, tem-se o intuito de demonstrar a necessidade de movimento de constituintes sintáticos de diferentes naturezas para preencher a posição de sujeito, até mesmo com verbos que não têm em sua grade argumental a seleção de argumento externo, o que seria mais um dentre os efeitos da mudança paramétrica por que passa o PB: de língua de sujeito nulo a língua de sujeito pleno (cf. DUARTE, 1993, 1995). Os dados utilizados para a análise, examinados de maneira qualitativa, foram coletados das amostras da fala

carioca disponibilizadas pelo *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e européias do português*. Este trabalho se apoia na associação do quadro de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) com a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), a Sociolinguística Paramétrica (TARALLO e KATO, 1989), também denominada Variação Paramétrica (RAMOS, 1992).

O texto está organizado do seguinte modo: no primeiro capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos e, no segundo, uma revisão bibliográfica sobre o fenômeno em análise, de acordo com distintas visões teóricas. No terceiro capítulo, apresento a metodologia de coleta de dados e de análise do *corpus*. No quarto capítulo, será apresentada uma análise qualitativa dos dados.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Linguística Gerativa é uma vertente da ciência da linguagem iniciada pelo linguista Chomsky (1981). Segundo Kenedy (2010), a Gramática Gerativa foi formulada como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem,

que interpretava a linguagem humana como algo socialmente condicionado. Chomsky (1981) chama a atenção para o fato de os seres humanos a todo momento construírem frases novas e inéditas, refutando a teoria de Skinner e Bloomfield.

Desse modo, propõe que o comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética, interna ao organismo humano (e não determinada pelo mundo exterior), que constitui a competência linguística de um falante, ou seja, a faculdade da linguagem. A variação estava fora do objeto de estudo da Linguística. No entanto, diante desse cenário de insatisfação com os modelos existentes, que afastavam o objeto de estudo da Linguística da realização da língua e de suas diversas manifestações, alguns linguistas buscaram outros caminhos, o que culminou com o surgimento da Sociolinguística.

O termo “sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Brigh, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*. Na conferência o autor afirma que o escopo da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social. (CEZARIO e VOTRE, 2010, p. 146)

Reflico acerca dessas duas correntes teóricas a seguir. Mais à frente, justificarei o uso das duas juntas, ainda que o objeto de estudo de uma e outra sejam, segundo Borges Neto (1998), incompatíveis.

1.1 O quadro teórico de Princípios e Parâmetros

A partir de 1980, baseando-se na evolução da Linguística Gerativa, a concepção de competência linguística como uma ordem de normas obsequiou espaço à pressuposição da Gramática Universal (GU). Postulou-se a ideia de que a GU é composta por princípios gramaticais comuns, compartilhados por todas as línguas naturais, que atuam nos diferentes módulos em que a gramática é dividida. Nesse sentido, a GU simboliza a noção de faculdade da linguagem mantida pelo Gerativismo, ou seja, a faculdade da linguagem é o mecanismo inato inerente a todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um programa de instrução que nos habilita a adquirir a gramática de uma língua.

Sendo assim, no intuito de descrever a natureza e o funcionamento da GU, os gerativistas, especialmente Chomsky (1981), postularam a teoria denominada Gramática Gerativa, a qual possui duas grandes fases – a fase da teoria da Regência e da Ligação (TRL) e o Programa Minimalista (PM) –, e o quadro de Princípios e Parâmetros. Essa teoria é desenvolvida principalmente na área da sintaxe, uma vez que é nas estruturas sintáticas que mais facilmente percebemos as grandes semelhanças entre todas as línguas do mundo. Um exemplo disso é o fato de todas as línguas do mundo exibirem orações interrogativas, afirmativas, negativas etc., e funções sintáticas como sujeito, predicado, complementos e adjuntos.

Desse modo, entende-se que princípios são as propriedades gramaticais válidas para todas as línguas naturais, e parâmetros são possibilidades diferentes de realização, que diferem as línguas. Veja-se um exemplo de princípio, comparando as sentenças em (1). Em (1a), o pronome **ela** pode se referir tanto a **A Maria** quanto a qualquer outra pessoa do gênero feminino mencionada antes no discurso, ou seja, poderia tratar-se de um pronome anafórico, visto que sucede um nome.

- (1) a. A Maria_i disse que ela_{i,j} foi ao parque. b. Ela_i disse que a Maria_j foi ao parque.

Em contrapartida, na frase (1b), o sintagma determinante (DP) **a Maria** não pode ser correferente a **Ela**, uma vez que o pronome antecede o DP. Por conseguinte, para ambas as frases, traduzidas para qualquer língua do mundo, a análise apontaria sempre o mesmo: em (1a) seria provável coadunar o pronome ao DP citado; entretanto, em (1b) isso não poderia ocorrer. Dessa maneira, é inegável que se trata de um princípio da GU, pois a descrição é igual para todas as línguas naturais.

No que diz respeito ao parâmetro, este se desenvolve concomitantemente ao processo de aquisição de linguagem. Cada parâmetro tem duas possibilidades de marcação: a positiva e a negativa. A fixação da marcação ocorre por meio do *input* a que o falante é exposto, ou seja, a partir dos dados da comunidade linguística.

As existência de duas possibilidades de realização para a posição de sujeito, nula ou preenchida, é um exemplo de parâmetro. Algumas línguas, como o português europeu (PE), tendem a não preencher essa posição. Outras, como o inglês, por exemplo, tendem a preencher tal posição sob qualquer circunstância.

Nesse sentido, suponhamos que, no contexto da frase (1a), Maria tenha dito que ela mesma foi ao parque: o pronome **ela** se referiria a **A Maria**. **A Maria** é o sujeito da oração principal, e o pronome referencial é o sujeito da oração subordinada, o que torna os sujeitos das duas orações correferenciais. Destaco, aqui, a possibilidade do sujeito da oração subordinada não ser preenchido, ou seja, ser nulo:

- (2) A Maria_i disse que Ø_i foi ao parque.

A possibilidade do sujeito nulo é uma propriedade do português, assim como em outras línguas, como o espanhol e o italiano. No entanto, essa propriedade não se manifesta em todas as línguas, pois pertence a um parâmetro. No inglês e no francês, por exemplo, na sentença (2) seria necessário preencher a posição de sujeito, visto que nessas línguas o sujeito nulo é uma estrutura agramatical – tratarei disso no Capítulo 2.

1.2 A Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista

Na década de 60, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança estabeleceu-se nos Estados Unidos ao disseminar uma nova maneira de observar a língua. Essa nova noção tratava de opor-se ao pensamento estruturalista de Saussure. A Sociolinguística, pois, enxerga a língua sob o viés de sua tênue ligação com o contexto social em que é produzida.

Nesse sentido, a Sociolinguística postula que a variação é um fenômeno presente em todas as línguas no seu uso real e leva em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais. Dessa maneira, para tal vertente teórica, a língua não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, dissociada do contexto, da cultura e da história dos falantes que a usam como forma de comunicação. Portanto, o objeto de estudo da Sociolinguística não é a competência linguística do falante, mas sim como se dá o seu desempenho e, para tanto, analisa-se sua produção.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) não concordam que a língua seja uma entidade homogênea. Assim, propõem o conceito de “heterogeneidade ordenada”. Cezario (2010) afirma que a Sociolinguística parte do princípio que a variação e a mudança são inerentes às línguas; logo, devem sempre ser levadas em consideração na análise linguística.

Um dos objetivos da Sociolinguística é compreender quais são os fatores que motivam a variação linguística, e qual é a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. Dessa forma, a análise linguística de algum fenômeno em variação procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno linguístico. Busca, também, atestar se há ou não mudança e, havendo, se o processo está no início ou já se completou.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), o estudo da variação oferta um ótimo material para a apuração da mudança linguística. Toda mudança na língua provém de uma variação existente. Por outro lado, não existe qualquer garantia que um fenômeno variável vá desencadear uma mudança.

1.3 Sobre a utilização conjunta das duas correntes teóricas

Neste trabalho, assim como Soares da Silva (2011), as duas teorias são usadas como complementares. As propriedades dos parâmetros do quadro de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) da GU auxiliam as investigações de caráter variacionista no levantamento das hipóteses e no estabelecimento dos grupos de fatores. Da mesma forma, as tendências identificadas pelas pesquisas variacionistas ajudam a determinar ou atualizar as propriedades características dos parâmetros em questão.

Sendo assim, no intuito de tentar compreender e descrever o funcionamento da linguagem e a realização do fenômeno do qual trata este trabalho, utilizo dados de língua real. Esta Monografia procura mostrar que a mudança em direção à marcação negativa do Parâmetro do Sujeito Nulo (em direção à perda da possibilidade de apagar o sujeito) já atinge o contexto sintático com verbos que não selecionam qualquer tipo de argumento. Aqui, trato dos verbos climáticos.

2. UMA LEITURA DE ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE O FENÔMENO

Início este capítulo abordando, superficialmente, o sujeito nulo e o sujeito pleno/preenchido, atentando para o fato de como se comporta esse fenômeno linguístico variável. Em seguida, farei uma apresentação de alguns trabalhos acerca do tema, relacionando-os com o objeto de estudo deste trabalho.

Segundo Duarte (2007), o argumento externo de predicadores verbais que selecionam esse tipo de argumento, geralmente, é classificado como “sujeito”. Existe uma posição

disponível no sistema, a posição de sujeito, que deverá ser preenchida. A autora propõe uma maneira de classificar o sujeito quanto a sua forma (expresso ou não expresso) e quanto à referência (definida, indefinida ou sem referência) – vejamos o quadro a seguir:

Referência	Forma	
	Não expresso	Expresso
Definida	_ Fui/Fomos/Foram ao teatro ontem.	<u>Eu/Nós/As meninas/Elas</u> foram ao teatro ontem.
Indefinida	_ Roubaram as rosas do jardim.	<u>Eles</u> estão assaltando nesse bairro.
	_ Precisamos de ordem e progresso.	<u>Nós</u> precisamos de ordem e progresso.
	_ Não usa mais máquina de escrever.	<u>A gente</u> precisa de ordem e progresso.
	_ Vende apartamento.	<u>Você</u> vê muito comércio no centro.
Sem referência	_ Choveu muito.	---
	_ Fez frio.	---
	_ Houve confusão.	---

Quadro 1: A classificação do sujeito segundo sua forma e referência (conteúdo) – Duarte (2007)

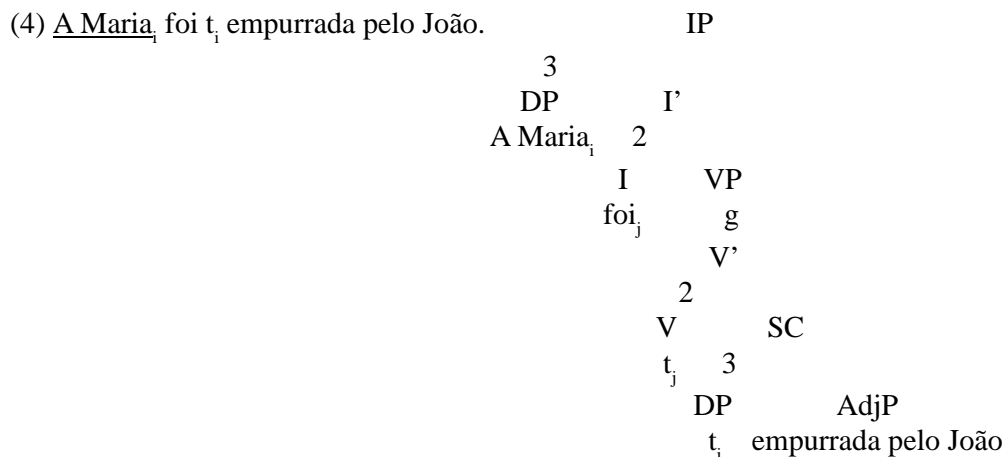
O falante tem duas opções para realizar o sujeito: apagado/nulo ou preenchido. Note-se que, no quadro, não há exemplos de sujeito sem referência expresso: o sujeito de verbos climáticos é sempre não expresso nos exemplos do quadro de Duarte (2007). Esta Monografia trata justamente do preenchimento da posição de sujeito em orações com verbos desse tipo.

2.1 A representação do sujeito

O sujeito, dependendo da gramática ou do teórico que estude uma língua, pode ser definido como o agente, como em (3a), “o ser sobre o qual se faz uma declaração”, como em (3b), como afirmam Cunha e Cintra (2008), ou, ainda, o argumento externo de um predador (3c). Além disso, há, ainda, sentenças como (3d), em que um argumento interno ocupa a posição de sujeito, denominado “sujeito paciente”.

- (3) a. A menina andou em direção à farmácia.
 b. Este aluno obteve ontem uma boa nota. (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 136)
 c. As crianças brincam.
 d. A Maria foi empurrada pelo João.

Sendo assim, não existe conformidade ou unanimidade para definir “sujeito”. Neste trabalho, o sujeito não será considerado um dos argumentos da seleção do verbo (que pode projetar estruturas com até três argumentos: o argumento externo, à esquerda, e dois internos, à direita), mas o constituinte que ocupa a posição de especificador da camada funcional IP (specIP), como demonstrado em (4). Essa posição é associada à atribuição de Caso nominativo pela flexão (I) e à relação de concordância entre sujeito e verbo.



Alguns autores afirmam que a propriedade de o sujeito ser, ou não ser, foneticamente realizado, estaria ligada à rica morfologia do paradigma verbal. Por meio dela, poderia ser recuperado um sujeito nulo. O quadro a seguir exemplifica um paradigma flexional rico:

ITALIANO

io **canto** noi **cantiamo**
 tu **canti** voi **cantate**
 lui/lei **canta** loro **cantano**

Quadro 2: Exemplo de paradigma flexional verbal morfologicamente rico

Como pode ser observado no quadro acima, o italiano é uma língua que tem um paradigma flexional bastante rico, pois as formas verbais distinguem todas as seis pessoas gramaticais, o que licencia o apagamento do sujeito e desobriga a realização do sujeito pronominal, uma vez que este pode ser identificado pela desinência número-pessoal. Desse modo, as sentenças pronunciadas sem sujeito expresso são compreendidas por qualquer falante da língua, já que o sujeito está licenciado pela informação da desinência disponível aos falantes que identificam a pessoa do discurso a que a sentença se refere. Entretanto, há ocorrências de sujeito nulo em línguas que apresentam um paradigma verbal sem flexões,

como o chinês, por exemplo:

CHINÊS (TRADUZIDO)

eu **canta** nós/a gente **canta**
 tu/você **canta** vós/vocês **canta**
 ele/ela **canta** eles/elas **canta**

Quadro 3: Exemplo de paradigma flexional verbal morfologicamente uniforme

(5) Mário_i canta muito bem. Ø_i Canta em bares. Quando termina sua apresentação, Ø_i é muito aplaudido.

(6) a. *It rains.*

I sing we sing
you sing you sing
he/she/it sings they sing

eu canto	nós cantamos
tu cantas	vós cantais
ele/ela canta	eles cantam

Quadro 5: Paradigma flexional verbal do PB, morfologicamente rico antes das neutralizações

A não utilização de um pronome no lugar do sujeito da sentença não comprometeria a identificação de qual seria o sujeito nulo. Vejamos nos exemplos a seguir:

(7) a. João_i acredita que Ø_i está com zica.
médico.

b. Maria_i disse que Ø_i foi ao

Comparando o paradigma flexional do italiano com o do PB no passado, esta língua também seria caracterizada como de sujeito nulo. Entretanto, o PB, atualmente, vem perdendo a expressão dessas desinências. Está em curso um processo de mudança no seu quadro pronominal, que reduz o número de oposições na flexão número-pessoal de seis para três, como se pode observar no quadro a seguir:

PB (PARADIGMA POSTERIOR ÀS NEUTRALIZAÇÕES)

eu canto	nós/a gente canta
tu/você canta	vocês cantam
ele/ela canta	eles cantam

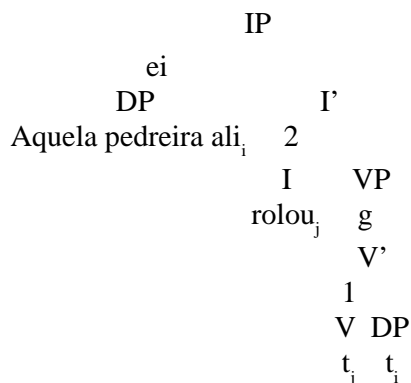
Quadro 6: Paradigma flexional verbal do PB, morfologicamente pobre após as neutralizações

Desse modo, no PB, está sendo perdida a capacidade de identificar o sujeito nulo por meio da desinência número pessoal. Como consequência, o licenciamento do sujeito nulo também é perdido. Este seria um dos motivos que explicam a crescente tendência ao preenchimento da posição do sujeito nessa língua.

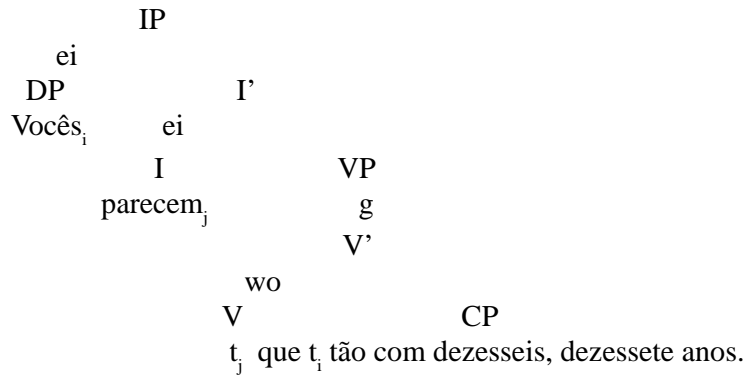
2.2 Mudanças na representação do sujeito no português brasileiro

Estudos, como os de Kato e Negrão (2000), Pontes (1987), Galves (1998) e Avelar (2009), apontam que o PB passa por mudanças e tem revelado preferência pelo preenchimento do sujeito, ou seja, era uma língua de sujeito nulo e se aproxima, cada vez mais, do comportamento de uma língua de sujeito pleno. Se compararmos o PB com uma língua de sujeito pleno, tal como o inglês, seria notável que não se encaixaria na categoria dessas línguas, uma vez que a ocorrência de sujeito nulo ainda é significativa; entretanto, é evidente vem se afastando do PE, que se mantém uma língua de sujeito nulo. Vejamos alguns exemplos com verbos que não selecionam argumento externo, com a posição de sujeito preenchida por um constituinte que não foi gerado na posição do argumento externo da mesma oração:

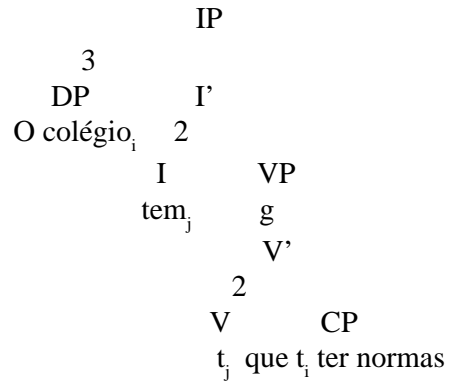
(8) a. Aquela pedreira ali_i rolou t_j. (Cc1h)



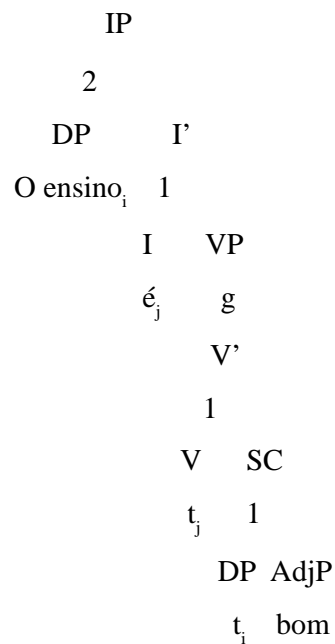
b. Vocês_i parecem que t_j tão com dezesseis, dezessete anos. (Nc3h)



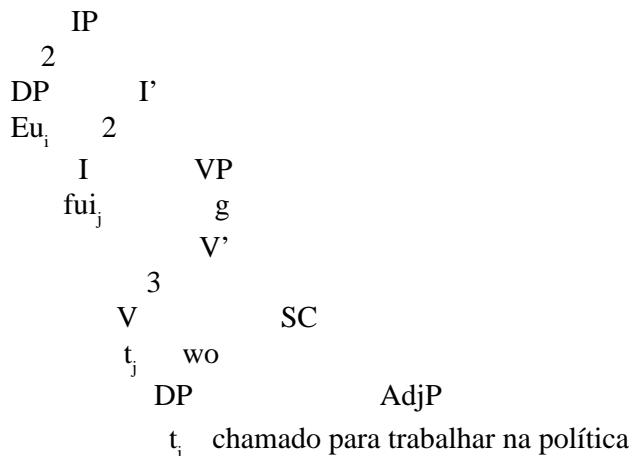
c. O colégio_i tem que t_i ter normas. (Nb2m)



d. O ensino_i é t_i bom. (Cc1h)

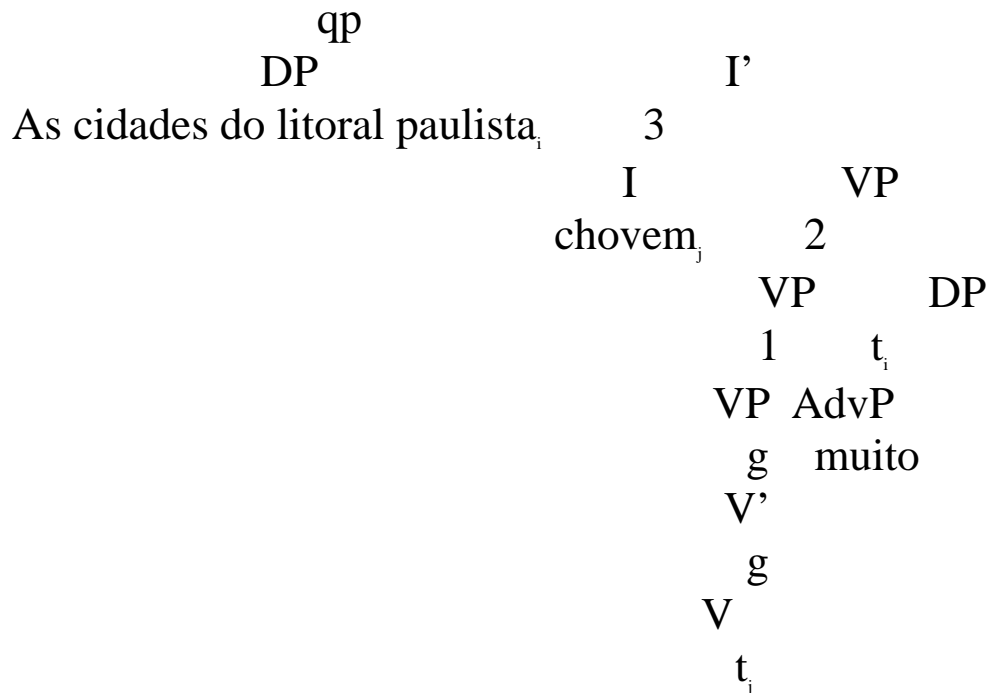


e. Eu_i fui t_i chamado para trabalhar na política. (Cb2h)



f. As cidades do litoral paulista_i chovem muito t_i. (AVELAR, 2009, p. 247)

IP



Como é possível observar nas árvores em (8), há alguns constituintes que foram alçados à posição de sujeito, mas foram gerados em uma posição que não é a do argumento externo da mesma oração. Em (8a), o DP **aquela pedreira ali**, argumento interno do verbo **rolou** (inacusativo), é elevado para a posição de sujeito para que seja atribuído o Caso nominativo, uma vez que o verbo inacusativo não atribui Caso acusativo ao seu complemento. Em (8b), um constituinte topicalizado da subordinada, selecionada pelo predador **parecem**, move-se para preencher posição do sujeito da oração principal; na sentença (8c), o verbo da subordinada não está flexionado, portanto não atribui Caso (sendo assim, o DP move-se para posição do sujeito para receber Caso nominativo).

Na oração (8d) há um verbo habitualmente classificado como “verbo de ligação”. Esse predador seleciona uma minioração (SC), que tem, em uma de suas posições, um sintagma adjetival (AdjP) – semelhantemente ao que ocorre nas passivas, representadas aqui por (8e) –, e não é capaz de atribuir Caso acusativo a um DP que esteja na predicação dessa SC. Como existe um adjetivo (derivado de um verbo, no caso da voz passiva) – e adjetivos não atribuem Caso –, o DP é alçado à posição de sujeito para receber Caso nominativo.

Por último, trato do objeto de estudo deste trabalho, representado no exemplo (8f). Como pode ser visto, há um verbo climático, que não seleciona argumentos. Contudo, a posição de sujeito é preenchida por um DP adjunto ao sintagma verbal (VP), que recebe Caso nominativo de I.

2.3 A construção do tópico-sujeito no português brasileiro

Galves (1998) apresenta um estudo acerca da construção de tópico no PB. Distingue o PB das outras línguas românicas por apresentar construções nas quais um verbo transitivo vem acompanhado somente do seu argumento interno, em posição pré-verbal, sem que nenhuma marca flexional indique modificação na projeção da estrutura argumental do verbo, como a sentença (9a). Nesse sentido, a autora observa construções pseudo-transitivas em que um verbo ergativo vem precedido de um sintagma nominal (NP) que não é

interpretado como agente ou causa do processo expresso pelo verbo, mas como locativo ou todo do qual o NP pós-verbal é uma parte, como nas sentenças a seguir em (9b) e (9c).

(9) a. A balança está consertando.

b. Esta casa bate sol.

c. O relógio quebrou o ponteiro. (GALVES, 1998, p.

19)

Pontes (1981), baseando-se na tipologia de Li e Thompson, afirma que a existência desse tipo de construção caracteriza o PB como uma língua “orientada para o tópico”. Uma língua orientada para o tópico não tem elemento lexical desprovido de conteúdo semântico; logo, não deve produzir expletivos pronunciados. A autora apresenta exemplos em que essa orientação para o tópico se mostra em frases construídas somente com um verbo, sem a presença de argumento expresso, como em (10), o que pode ser tomado como explicação para a emergência de diferentes estratégias para o preenchimento da posição do sujeito, como o movimento de um constituinte, quando o tópico está claramente presente no contexto:

(10) a. Carpete de madeira:
dinossauros?

b. Calvin: Onde está a minha cueca de

- não **empena**./- não **encera**.

Mãe: Está **lavando**!

(GALVES, 1998, p. 20)

Nota-se que, em (10a), o tópico é coindexado ao argumento dos verbos em negrito, que é nulo. No exemplo (10b), apesar de o NP **a minha cueca de dinossauros** conter a referência do argumento interno nulo de **lavando** e a oração continuar na voz ativa, existe a impressão que esse NP esteja exercendo a função de sujeito na frase. Os exemplos em (10) podem ser parafraseados como as sentenças em (11), também retiradas de Galves (1998):

(11) a. Carpete de madeira não encera.
lavando.

b. A cueca de dinossauros de Calvin está

Em línguas como o PE, esse tipo de construção exige

uma marca flexional no verbo que legitime a ausência de projeção do argumento externo e o consequente alçamento do

argumento interno. No que diz respeito às construções que envolvem os pronomes lembretes, estes podem ser diferenciados dos tópicos-sujeito a partir da observação de diferentes construções da mesma estrutura argumental. Observe-se (12):

(12) a. Bate muito sol (n)estas casas. (GALVES, 1998, p. 22)

b. Nestas casas, bate muito sol.

c. Estas casas batem muito sol.

d. Estas casas, bate muito sol nelas.

A frase (12a) corresponde à imediata projeção da estrutura argumental; contudo, nessa estrutura, a preposição que marca o locativo ou o adjunto não pode ser omitida, pois tornaria a sentença agramatical. Isso se deve ao fato de que todo DP foneticamente realizado deve receber Caso, e por isso é inserida uma preposição que atribui caso oblíquo ao DP e torna a sentença gramatical.

Nas outras frases, em contrapartida, utilizam-se vários recursos de topicalização permitidos pela gramática do PB. Todavia, há uma diferença entre (12b), de um lado, e (12c) e (12d), de outro lado: nestas, o elemento movido não é o sintagma preposicional (PP), mas sim o DP. Além disso, um fato que chama a atenção é a existência de um pronome lembrete em (12d), o que não ocorre em (12c): isso se dá, segundo Galves (1998), porque existe uma distribuição complementar entre a presença do pronome e a concordância entre o DP anteposto e o verbo, ou seja, ou o DP anteposto ou concorda com o verbo, ou é retomado pelo pronome lembrete, o que torna esses dois recursos legitimadores da anteposição do DP.

Dessa maneira, levando em consideração o fenômeno da concordância, a autora admite que, em construções sem retomada em forma pronominal, o DP anteposto ao verbo é o legítimo sujeito da oração, ainda que esta não selecione argumento externo, o que é chamado de “tópico-sujeito”. É o que acontece no exemplo (12c). Esta Monografia trata justamente do preenchimento da posição de sujeito por movimento sintático desse tipo, com predicadores climáticos.

2.4 O preenchimento da posição de sujeito em sentenças existenciais

A categoria vazia do tipo **pro**, sujeito de orações flexionadas, satisfaz o Princípio da Projeção Estendido, uma vez que especifica, por meio de traços distintivos, propriedades como número, pessoa, gênero e Caso. O mesmo acontece com os pronomes fonéticos do francês (*il*) e do inglês (*it*). Assim, **pro** também pode ser um sujeito expletivo, restringido a ocupar posições não temáticas, como a de sujeito de verbos existenciais, climáticos e outros que não selecionam argumento externo, como nos exemplos abaixo:

(13) a. pro Choveu ontem.

b. pro Parece que as crianças estão com fome.

c. pro Tem vários bancos na praça.

Duarte (1993, 1995, 2003) observou que sujeitos não referenciais ou expletivos podem ser realizados foneticamente. Assim, o sistema tem um conjunto de estruturas em que a posição de sujeito, antes ocupada por uma categoria vazia, passaria a ser preenchida. Para tanto, dentre as estratégias apresentadas pela autora como possíveis recursos para evitar um expletivo nulo, em construções com verbos existenciais, a mais frequente é o preenchimento da posição de sujeito pelo pronome **você**, por conta de sua significativa ocorrência com os verbos **ter** e **ver** em construções variantes daquelas que exibem os verbos **ter** e **haver** existenciais.

Desse modo, em vez de orações com a posição de sujeito nula, como em (13c), temos construções com a posição de sujeito preenchida pelo pronome **você**: “Você tem vários bancos na praça.” Isso indica que o sistema parece caminhar em direção ao preenchimento também nesse contexto. Portanto, seria relevante investigar que constituinte se move para preencher a posição de sujeito, e de onde parte o movimento.

Em relação ao preenchimento com pronomes pessoais, além de serem encontradas construções com **você**, também ocorre o pronome **a gente**. Menos frequentemente, surgem

ocorrências com **eu**, **nós**, **ele**, **ela** e **tu**. Em todos os casos, parece haver perda de conteúdo semântico:

- (14) a. Você não tem um programa educativo bom.
b. Então a gente tem também lá é... recreação.
c. Eu não tive muitas coisas perigosas assim não.
d. A vizinhança é ótima. (Nós) Temos vários comércios, (nós) temos mercado, (nós) temos feira, (nós) temos feirinha.
e. Lá, por exemplo, aonde mora a minha sogra, ela mora lá há trinta anos. Ela não tem grade na janela dela.
f. Tu vê aí a AIDS, né. (DUARTE, 2003, p. 132)

Desse modo, a autora considera que o PB, diferentemente do francês, ao invés de eleger uma única forma pronominal para ocupar a posição que poderia ser ocupada por um expletivo, reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes referenciais para tal fim.

Há alguns casos em que um DP, originalmente projetado numa posição de argumento interno ou de adjunto, é alçado à posição de sujeito (que está disponível) e recebe Caso nominativo atribuído pela flexão, como no exemplo (15). Para Coelho (2000), obedecendo à hipótese de Torrego (1989 *apud* COELHO, 2000, p. 96), essas estruturas existenciais e inacusativas ‘permitem, além do argumento interno ao qual atribuem uma função temática de “tema”, um argumento extra, ligado à estrutura do predicado, que manifesta uma função locativa, como se fosse um argumento secundário’. A autora sugere que, não se tratando de um argumento subcategorizado pelo verbo, esse elemento locativo/temporal teria um comportamento muito próximo ao de um argumento externo, podendo ocupar o espaço de sujeito, disponível à esquerda do verbo em tais construções.

- (15) O Brasil não tem nenhum político t_i. (DUARTE, 2003, p. 131)

Dessa maneira, a partir da investigação do processo de preenchimento da posição estrutural de sujeito expletivo, concentrando-se nas sentenças construídas com verbos existenciais no PB, a autora demonstra que, além da estratégia

de utilizar pronomes para ocupar a posição de sujeito, outros constituintes, como adjuntos, também ocupam essa posição. Então, parece evidente que o PB mostra uma tendência em curso, no sentido de reorganizar essas estruturas, alçando alguns constituintes topicalizados, como, NPs, DPs, AdvPs, preenchendo a posição anteposta ao verbo com maior frequência. Considerando a observação das relações de concordância, conclui-se que esses elementos realmente ocupam a posição de sujeito.

2.5 O uso de locativos na posição de sujeito: movimento de um PP ou um DP?

Há, no PB, um crescimento bastante significativo em relação ao preenchimento da posição do sujeito. Consequentemente, alguns estudiosos, como Duarte (1995, 2003), Galves (1998), Avelar e Cyrino (2008) e Avelar (2009), investigam como ocorre e que tipo de constituinte não argumental tende a preencher essa posição. Seguindo essa perspectiva, Avelar (2009) afirma que alguns verbos transitivos admitem que seu argumento externo seja precedido de uma preposição locativa, o que seria explicado pelo fato de o argumento externo desse tipo de construção, com os verbos **vender**, **gravar** e **servir**, receberem uma interpretação locativa, requisito que permitiria a introdução do argumento por uma preposição de valor igualmente locativo, como nos exemplos abaixo:

(16) a. Aquela loja vende livro.
232)

b. Naquela loja vende livro. (AVELAR, 2009, p.

O autor assume que a ocorrência de sintagmas locativos preposicionados em uma posição que abriga constituintes nominais não preposicionados deve ser incluída entre os casos de alternância sintática. Avelar (2009) rotula o fenômeno como “inversão locativa”. Algumas análises, sob diferentes perspectivas teóricas, tendem a argumentar que as sentenças resultantes de inversão locativa devem ser tratadas como construções em que um constituinte locativo (geralmente não

argumental) ocorre na posição do sujeito.

Para argumentar, o autor utiliza como exemplo verbos biargumentais e monoargumentais. Dessa maneira, afirma que o locativo preposicionado, colocado na posição de sujeito, com verbos de dois lugares, ainda que estes não possuam seu argumento externo realizado, mantém o estatuto gramatical da sentença. Em contrapartida, se não houver o argumento externo realizado nem o locativo, a sentença é agramatical, corroborando com a proposição de que um locativo preposicionado assume a posição do constituinte que corresponde ao sujeito argumental, ocupando a posição que este ocuparia.

Outra ideia proposta pelo autor é a existência de um pronome adverbial, fonologicamente nulo ou realizado, à frente do PP. Isso significa afirmar que o núcleo do sintagma locativo não é a preposição. O sintagma tem, como núcleo, um pronome adverbial que antecede a preposição, como, por exemplo: “aqui em casa”, “aqui na cidade”, “lá na rua”.

Sendo assim, levando em consideração que a proposta acima esteja correta, o locativo preposicionado deve ser tratado como um constituinte nominal, uma vez que pronomes adverbiais são categorias nominais. O pronome adverbial pode ocupar sozinho a posição de sujeito, ou co-ocorrer com um sintagma locativo preposicionado. (16a) apresenta somente o pronome adverbial, em (16b) o pronome antecede o PP locativo e, em (16c), o pronome é nulo:

(17) a. Lá vende muitos livros.

b. Lá no shopping vende muitos livros.

c. Ø No shopping vende muitos livros. (AVELAR, 2009, p. 241)

Avelar e Cyrino (2008) também levanta a hipótese de que a gramática do PE não licencia que um constituinte nucleado por pronome adverbial ocupe a posição de sujeito. Nesse sentido, propõe que essa manifestação seja uma inovação do PB por influência de línguas da família Bantu, faladas pela maioria dos escravos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Línguas dessa família licenciam a inversão

locativa.

Assim, é possível que essa realização no PB seja produto do processo de aquisição de linguagem. Os africanos no Brasil teriam moldado sua língua materna de acordo com a gramática do português, inserindo, desse modo, algumas estruturas de sua língua no português, o que faria com que ocorresse uma mudança lenta que se refletiria até os anos atuais. Em suma, sintagmas locativos preposicionados são projeções de um pronome adverbial dêitico (e não de uma preposição) e, nessa circunstância, se comportam como constituintes nominais.

2.6 O preenchimento da posição de sujeito em sentenças com verbos climáticos

Venho demonstrando ao longo deste trabalho que existe uma crescente predileção pelo preenchimento da posição do sujeito no PB, inclusive em orações com verbos que não selecionam argumento externo, como os inacusativos e existenciais, dentre outros. Tal fato ajuda a confirmar o progresso de uma mudança na realização do parâmetro do sujeito nulo (CHOMSKY, 1981), o que afasta o PB do PE, uma língua que mantém preferência pelo sujeito nulo. Confirmada essa tendência, nesta seção, tentarei investigar que tipo de constituinte não argumental inclina-se a ocupar essa posição nas sentenças construídas com verbos climáticos.

Neto (2013), que utilizou dados selecionados em redes sociais como o Orkut, Facebook, Twitter e seções de blogs e sites destinados ao comentário livre do leitor. O autor justifica a escolha desse *corpus* pela tendência natural a que textos produzidos nesses espaços, apesar de serem escritos, exprimirem características da modalidade oral. São amostras de língua espontânea que estão mais próximas às características da fala, em contextos menos monitorados (cf. MARCUSCHI, 2004).

Desse modo, o Neto (2013) afirma que tais propriedades garantem a autenticidade do trabalho, uma vez que apontam a existência dessas construções no PB. Em seu estudo, foram encontradas sentenças construídas com verbos climáticos em que DPs ocupam a posição de sujeito e recebe Caso

nominativo, atribuído núcleo I à posição de specIP, aqui exemplificadas em (18). Essas estruturas seriam tratadas como sendo casos de tópico-sujeito, por Galves (1998), ou inversão locativa, por Avelar (2009), conforme mostrei nas seções anteriores.

- (18) a. Algumas cidades nevam no inverno.
b. Todos os dias choveram muito. (NETO, 2013, p. 73)

Nesse sentido, percebe-se, nas construções acima, estruturas desenvolvidas com verbos climáticos que têm a posição de sujeito preenchida. Esses verbos não selecionam argumentos, portanto costumam aparecer sem complementos, mas podem ter adjuntos, normalmente preposicionados, que expressam uma circunstância ou outra ideia acessória (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 556). Levando em consideração a tendência ao preenchimento da posição de sujeito no PB, é possível afirmar que a realização desse sintagma nominal à esquerda do verbo climático desencadeia uma relação de concordância com a flexão do verbo.

As sentenças com verbos relativos a fenômenos da natureza são raras em amostras do tipo analisado, mas a observação da fala espontânea revela uma tendência a preencher a posição à esquerda do verbo com um SAdv ou SP locativo ou temporal, às vezes sem a preposição, ou ainda um demonstrativo. (BERLINCK, DUARTE e OLIVEIRA, 2009, p. 143)

Além disso, é possível observar que os verbos climáticos têm tendência a se realizar junto a um sintagma locativo. Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) exemplificam dados do NURC: “São Paulo chove. O Rio faz sol./Lá em São Paulo chove demais.” Os exemplos utilizados por Neto (2013) reforçam a tendência de verbos climáticos serem realizados com sintagmas locativos na posição de sujeito:

- (19) a. Natal faz sempre sol, mesmo que chova.
b. Nem todos os locais do nordeste fazem calor. (NETO, 2013, pág. 79)

Nota-se que nessas sentenças o sintagma locativo anteposto ao verbo tende a desencadear concordância. Isso permite classificá-lo como sujeito. Assim, confirma-se que, mesmo não tendo sido gerado em posição argumental, um constituinte pode mover-se para a posição de sujeito.

Levando em consideração a concordância, tomemos como exemplo as construções com o verbo de alçamento **parecer**, em que há um movimento de tópico da oração encaixada para posição de sujeito da oração principal, desencadeando concordância nesta:

(20) a. \emptyset Parece que as crianças gostam de brincar.

b. As crianças_i parecem t_i gostar de estudar.

c. As crianças_i parecem que t_i gostam de brincar.

Na sentença em (23a), nota-se a estrutura realizada de modo canônico; nas estruturas em (23b) e (23c), observa-se o movimento do sujeito da oração subordinada à posição de sujeito da oração com o verbo **parecer**, onde é atribuído Caso nominativo ao DP **as crianças** pela concordância. Portanto, confirma-se a existência de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB.

Em relação ao constituinte que se move para a posição de sujeito, na Seção 2.3, em que tratei do tópico sujeito, observei alguns adjuntos ou locativos que foram deslocados para posição estrutural de sujeito, como no exemplo (9c), aqui repetido como (21a). O DP **o relógio**, um adjunto adnominal – cf. ordem canônica da sentença em (21b) –, foi movido de dentro de um PP para a posição de sujeito, uma vez que esta estava disponível. A preposição que lhe atribuiria Caso oblíquo é perdida para que esse sintagma possa receber Caso nominativo através da relação de concordância, obedecendo ao princípio do Filtro de Caso.

(21) a. O relógio_i quebrou [o ponteiro [t_i]].
relógio]].

b. Quebrou [o ponteiro [_{pp}do

Outra possibilidade de análise é considerar que esse sintagma já foi gerado na posição pós-verbal sem preposição, o que tornaria a sentença agramatical; contudo, o sistema encontra um meio de salvar a sentença: move o sintagma para uma posição disponível no sistema, a posição de sujeito, em que o DP concorda com o verbo e recebe Caso nominativo, obedecendo a dois princípios: o Filtro de caso e o Princípio da Projeção Estendido. Isso pode ser observado no exemplo (21), abaixo, utilizado por Neto (2013, p. 81):

(22) a. Chove em Salvador.
chove t_i.

b. *Chove Salvador.

c. Salvador_i

Observe que a sentença (21a) foi produzida na ordem canônica, ou seja, um sintagma locativo em posição pós-verbal. Em (21b), considero a sentença agramatical, pois há um DP sem caso (o que não é permitido pela Teoria do Caso). Por último, em (21c), vemos o movimento desse DP, numa

tentativa do sistema salvar a sentença, para a posição de sujeito, uma vez que esta função existe e encontra-se disponível: ali, o DP recebe Caso nominativo e a sentença torna-se gramatical.

3. Análise qualitativa preliminar

Com o objetivo de investigar como e em que contextos os verbos que não selecionam qualquer tipo de argumento, como os verbos climáticos, tendem a preencher a posição de sujeito, coletei os dados de amostras da fala carioca disponibilizadas pelo *Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias do Português*. Todavia, por limitação do *corpus*, a quantidade de dados não foi o bastante para uma investigação estatística e/ou representativa, pois verbos que não selecionam argumento externo são muito raros, como também mostram outros trabalhos, como os de Henriques (2013), sobre estruturas de alçamento, Marins (2013), que investigou as existenciais, Santos e Soares da Silva (2012), acerca de inacusativos. Desse modo, após analisar os 36 arquivos de transcrição das entrevistas, só encontrei 12 dados, todos com o verbo **chover**, e em nenhum deles havia a ocorrência da posição de sujeito preenchida, como se vê em (23). Portanto, para o desenvolvimento deste trabalho utilizei dados de outros autores para mostrar como se dá essa ocorrência.

- (23) a. quando CHOVE aqui a gente tem que ter medo (Cc1h)
b. aquilo, quando CHOVE, aquilo serve de lixeira (Cc1h)
c. a gente só reclama porque de vez em quando pára com bolsa, com criança, CHOVENDO, aí fica difícil, né? (Ca1m)
d. um exemplo: meu irmão uma vez me ligou... CHOVIA a cântaros... (Cb2m)
e. porque quando CHOVE é horrível (Na1m)
f. você vê na televisão, quando CHOVE perde tudo (Nb1m)
g. daí CHOVE e carrega tudo, mas foi feito, né? (Nb3m)
h. aí tava CHOVENDO pra caramba no sábado, aí eu falei

“pô cara”... (Nc1h)

i. vai CHOVER semana que vem, já é ponto facultativo, já não tem aula... (Nc1h)

j. mas CHOVIA pra ca-ram-ba, mas caía água... (Nc1h)

k. CHOVEU muito, o rio tava cheio, passando quase rente a ponte... (Nc1h)

l. foi um dia de manhã que CHOVEU (Nc3m)

A investigação proposta aqui visa a observar que tipo de constituinte está propenso a ocupar a posição de sujeito e o motivo que leva esse sintagma a se acomodar nessa posição. Como desvelei no Capítulo 2, pesquisas como a de GALVES (1998), DUARTE (2003), AVELAR (2009) e NETO (2013) revelam que existe uma tendência a mover DPs (gerados assim ou retirados de um sintagma adverbial ou um locativo preposicionado) para posição de sujeito, com o intuito de preencher essa posição, fato que contribui para atestar que o português brasileiro caminha num processo de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo. No que diz respeito ao elemento movido, este tem inclinação a mover-se para posição de specIP, pois necessita de Caso, e a única posição em que conseguiria se abrigar mantendo a sentença gramatical é a posição de sujeito (à qual I atribui Caso nominativo), uma vez que o verbo climático não seleciona argumentos e, portanto, não atribui Caso acusativo.

Pela insuficiência ou raridade dos dados não foi possível fazer uma análise sistemática. Contudo, pretendo acrescentar mais amostras de fala, de outros corpora no Português brasileiro, para que eu possa fazer uma investigação mais apurada.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurei realizar um estudo acerca de verbos meteorológicos ou climáticos no PB para compreender como funciona o preenchimento da posição de sujeito em orações construídas com esse tipo de predicator. Diante de dados anedóticos, retirados de trabalhos de outros autores, que demonstraram a posição de sujeito preenchida com esse tipo

de verbo no PB, confirma-se que a língua passa por um processo de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: de [+ sujeito nulo] a [- sujeito nulo]. Para tanto, tomei como ponto de partida a observação de que tipo de constituinte ocuparia essa posição (AdvP, locativo preposicionado e DP) de quais as estratégias de preenchimento são utilizadas nesse tipo de construção (tópico-sujeito e inversão locativa).

Sendo assim, é possível afirmar que o tópico-sujeito (GALVES, 1998) e a inversão locativa (AVELAR, 2009) explicam as estratégias usadas para preencher a posição de sujeito, em que há movimento de DPs que recebem Caso nominativo pela concordância com I. Isso mostra-se bem evidente na construção da sentença “As cidades do litoral paulista chovem muito.”, pois percebe-se que um elemento movido (nesse caso, um locativo) aparece ocupando a posição de sujeito e, conseqüentemente, concordando em número com a flexão. A possibilidade desse movimento, segundo PONTES (1987), existe no PB por se tratar de uma língua orientada para o tópico.

Os locativos não argumentais, assim como qualquer outro constituinte que não seja argumental, tendem a ocorrer na posição gramaticalmente destinada ao sujeito argumental quando não há preposição que lhes atribua Caso. Além disso, o preenchimento da posição de sujeito no PB pode ser atestado por conta de sua sintaxe de concordância. Nesse sentido, tomemos como exemplo as construções com o verbo de alçamento **parecer**, em que tratei na seção 2.6, em que há um movimento de tópico da oração encaixada para posição de sujeito da oração principal, desencadeando concordância nessa.

Observei o movimento do sujeito da oração subordinada à posição de sujeito da oração com o verbo **parecer**, onde é atribuído Caso nominativo a um DP por meio da concordância, o que legitima ou licencia o preenchimento da posição de sujeito.

Portanto, confirma-se a existência de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB. No que diz respeito aos verbos climáticos, por conta da raridade dos

dados no *corpus* analisado, só foi possível perceber, por enquanto, que há possibilidade de preenchimento da posição de sujeito; contudo, talvez, esse preenchimento ainda se dê de maneira branda, e por conta disso chama a atenção.

O fenômeno aqui tratado é mais um contexto sintático de investigação dos efeitos da mudança pela qual passa a gramática do PB. Contudo, o preenchimento ainda acontece de modo muito marcado em orações com verbos climáticos, e dados com esse tipo de verbo não ocorrem frequentemente na língua, circunstância que coincide com o fato de eu não ter encontrado muitos dados. As afirmações feitas nesta Monografia são baseadas em dados anedóticos e em exemplos intuitivos de outros trabalhos, e, para possibilitar uma análise mais sistemática da fala real, faz-se necessário coletar mais dados, acrescentando-se mais amostras da fala brasileira ao *corpus*.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Juanito. O. Inversão locativa e sintaxe de concordância. *Matraga*, vol. 16, Rio de Janeiro, 2009, p. 232-52.

AVELAR, Juanito; CYRINO, Sônia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade Porto, 2008. P. 55-75.

BERLINCK, R.; DUARTE, E.; OLIVEIRA, M.. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: UNICAMP, 2009.

BORGES NETO, José. Ensaio de Filosofia da Linguística. *Cadernos de estudos linguísticos*, vol. 34, Campinas, 1998, p. 19-32.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. in MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 141-55.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding* [2 ed., 1982]. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, Izete L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado. Santa Catarina: UFSC, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CYRINO, S.; DUARTE, Maria E. L.; KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary; NEGRÃO, Esmeralda (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madri: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 2000. P. 55-73.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil. In ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. P. 107-28.

_____. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos”. In: Paiva, M. da Conceição & M. Eugênia L. Duarte (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa / Faperj. 115-128. 2003.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. P. 123-35.

_____. Termos da oração. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. Rodrigues (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. P. 185-204.

GALVES, C. M. C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 34, p. 19 -32, 1998.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15, 1984, p. 531-74.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A gramática do português brasileiro: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Minicurso. Rio de Janeiro: ABRALIN, 2003.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. in MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 127-40.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NETO, Natival Almeida Simões. O preenchimento de sujeito com verbos climáticos. *Crátilo*, 6 (1). Minas Gerais: UNIPAM, 2013. P. 72-84.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, Jânia (1992). *Marcação de Caso e mudança sintática no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

SILVA, Daniela Gonçalves Ribeiro da. *O preenchimento da posição de sujeito com verbos que não selecionam argumento externo no português brasileiro: as estruturas na voz passiva*. Monografia de conclusão de curso de Graduação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

SOARES DA SILVA, Humberto. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

TARALLO, Fernando & KATO, Mary Aizawa (1989). —Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística|| *Diadorim: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*, 2 [2006]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas, 1968. P. 97-195.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

DANIELA MENDES DE SOUZA MOREIRA

DRE: [110100308](#)

OCORRÊNCIA DE SUJEITO PLENO EM SENTENÇAS CONSTRUÍDAS COM VERBOS CLIMÁTICOS

Monografia submetida à
Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na
habilitação Português-
Literaturas.

Data de avaliação: ____/____/2016

HUMBERTO SOARES DA SILVA

____ NOTA: ____

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca

Examinadora

Professor Doutor (UFRJ)

JULIANA ESPOSITO MARINS

____ NOTA: ____

Nome completo do Leitor Crítico

Professor Doutor (UFRJ)

Assinatura dos

avaliadores:
